

# VIDA FLUMENSE

folha ilustrada



ESTRIBITO

RUA DO OLVIDOR

32-sobrado-32

CORTE

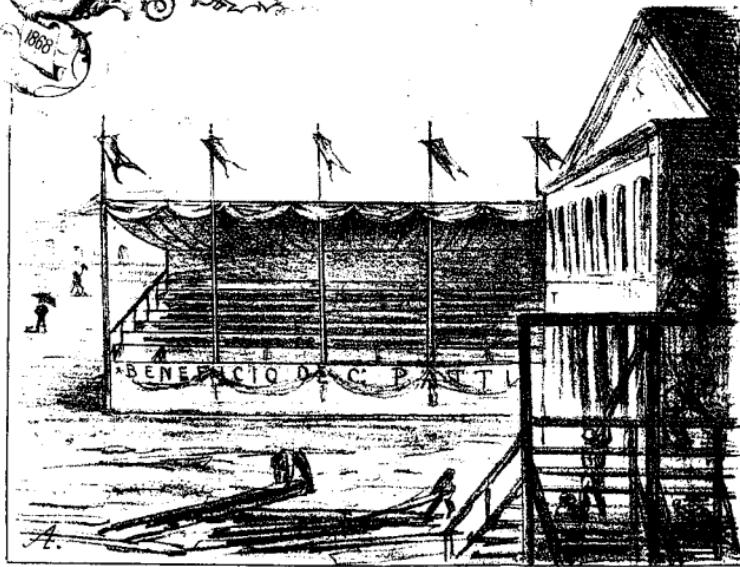
Trimestre  
Anno

55000  
105000  
205000

Semestre  
Anno  
Avulso

115000  
215000  
15000

PROVÍNCIAS



Os amigos empreendedores das archibancadas, preverão que o theatro lyrico não sera suficiente para conter a imensa quantidade de espectadores que juntando assistiu ao benefito da Festa Official, por ser de novo a disposição do publico os soldos praticados na Festa Official.

Como o governo não entende na causa, e o desvio do curva a celebre cantora é grande, é de esperar que os homens facam negocios a estas vossas, e que vos philanthropos usais empreender a acentuada que merece.

## A VIDA FLUMINENSE

Rio, 6 de Agosto de 1870

O globo terráqueo achava-se transformado em um vastíssimo amphitheatro.

Este amphitheatro está repleto de povo que por sua vez se acha também repletissimo de curiosidade.

Nom era para menos!

Todos, começando por nós, estão sentados nas arquibancadas do mundo, com os olhos fitos na arca central, a qual em linguagem geográfica se chama agora a Franga de um lado e Prussia do outro.

Nom era para menos!

Trata-se, não de uma simples brigasinha de galos, mas de uma guerra de morte entre duas aquias.

Uma das aquias tem duas esbeças, a outra uma só. Total : tres bicos.

E que tres bicos, ríjos, acicalados, affeitos á luta, e sedentos de sangue!

Que sarrabulhada!

— Olha, sarrabulho com pimentinhas á um!

As apostas não se fizeram faltar.

Uns, orgulhosos no numus desmentido arrojo francez, sustentam que os soldados de Napoleão levarão a palma!

Outros, ainda entusiasmados pela batalha de Sadowa, onde a disciplina dos soldados e a pericia dos generais do rei Guilherme tanto conseguiram, sustentam que desta vez a França sofrerá uma derrota.

Eu não sei quem vencerá; mas croio piamente que ambos os monarcas procuraram boas sartas para se carem!

E eis aqui em que se resumem os benefícios que a humiosa civilisação do século XIX nos proporciona!

Napoleão, para dar trabalho aos operários descontentes, e neutralizar o veneno republicano inoculado nas veias do povo francez pela incansável *Internationale*, declarou guerra á Prussia.

O rei Guilherme aceita-a logo para conseguir mais promptamente seus *bismarckianos* planos de unificação alemã e engrandecimento de seus domínios,

E por isto e por aquillo, lá se vão chocar dous trenzados exercitos; lá vão morrer milhares de cidadãos de ambos os países que tantos serviços ainda podiam prestar ás suas famílias, ás suas patrias e á humanidade em geral.

Grande cousa é a civilisação!

No fim de contas reduz-se tudo a uma questão de agulhas.

*Chassepot or not Chassepot, that is the question!*

O que é verdade é que, assim como se dizia do celebre Gerard :—*c'est un chasse lion*, pôde-se dizer agora de Napoleão :—*c'est un chasse peau!*

O principio Leopoldo do Hohenholern (não sei se se escreve assim; mas os nomes alemães não têm ortografia certa; cada qual os pôde escrever como lhe agradar).

Dizia eu : o principio Leopoldo do Hohenholern, quo, a principio era a espadilha no jogo, foi rebaixado á posição de dungiunha, que vale onze, dez, um... ou salta fóra, quando é domais.

Mas antes issa, do que ser *maximilianiado* como o seu collega no Mexico.

Todos esperam soffregos o primeirão paquete europeu. Eu tambem.

A. da C.

## Assumpto de varias cores

Festa de estrondo.—O benefício da Patti.—Os dous concertos oferecidos por ella ás societades da *Benevolencia Italiana* e *Portuguesa*.—Como Theodoro Ritter e Paul Sarasate a conduziram, Flores, rosas e grinaldas.—O espetáculo-concerto de Pelegrina.—Outras peças em favor de beneficência.—Um raro efeito cego, Madame Hélène e a imprensa inglesa.

Prepara-se uma festa de estrondo.

Não julgo o leitor que se trata de nova exhibição dos festes oficiais no campo de Sant'Anna, queda do ministério, abastecimento d'água potável, ou cousa assim. Nada disso. Podem os foguetes descascar em paz desta vez, a guarda nacional continuar no *dolce far niente* de todos os dias, e o camara dos deputados dormir pacificamente sobre os louros, que ainda está para colher:—a intervenção de qualquer dessos elementos seria inutil neste caso.

Flóres e mais flóres, grinaldas e mais grinaldas, chuva de ouro e rosas, joias em profusão, serenatas, versos mimosos, folhetins esplendidos—cís do que se caroce.

E quanto a mim nada disto faltará á festa de que fallo e o que promete ser uma das mais proprias a registrar nos annais artísticos do Rio de Janeiro.

Carlota Patti faz benefício e diz adeus ao nosso público depois do amanhã.

Não o adivinharia o leitor ao ler os periodos que precedem este trecho?

Não vira que, tratando-se desse cortejo de circunstâncias indispensável das ovacões que partem d'álua, alliá dia eu ao ultimo concerto da celebre *Diva*?

Não imaginaria que, porventura uma das mais afamadas cantoras do mundo musical, seria impossível que o Rio de Janeiro doizasse de prontomper em manifestações veheementes e clamorosas?

Tudo isto pensaria antes de mim o leitor; e esse sorriso que, certão vendo pairar-lhe nos labios é a prova mais clara de sua approvação a quanto vai dito.

Effectivamente não será facil virmos tão cedo entre nós uma artista como a Patti.

Di-se com esta mulher excepcional o que raras vezes sucede com outras.

Na primeira noite o publico fica absorto perante a magestade daquella garganta que, à imitação de um instrumento perfeitíssimo, solta todos os sons com essa afinação mathemática, unica, incomparável, a que nem sempre attingem as maiores *celebridades* do mundo: depois vem os mil arabescos do canto enfeitar as melodias que lhe sahem dos labios, e por entre elles a extravagancia mimosa e suave de um gorgojo que não se descreve, nem se inita: n'outro concerto admira-se o *emorzo* de um trillo, que parece comecar bem longe de nós, approximarse pouco a pouco crescendo de intensidade e vigor, e depois anuir-se nas amplidões do espaço: logo apóia vêm uma alluviação de escalas, corridas com essa igualdade e ligeireza que só se encontra nas boas flautas; e por ultimo os saltos de oitava e decima dadas com tanta arte, que, apesar de a vista distinguir na scena uma só cantora, o ouvido tem a asseverar a presença de duas.

No principio admira-se, depois gosta-se, e por fim não há palmas que cheguem, nem entusiasmo que basta para saudar o talento original daquella mulher fadada.

Os dous concertos offerecidos ás sociedades de Beneficencia Portuguesa e Italiana são a prova mais exuberante do que eu acabo de dizer. As peças da Diva foram aplaudidas com delírio; exigia-se o bis com certo frenesí que raras vezes accomete o carácter pacato e saziado dos nossos auditórios, e fibres sem conta, rosas desfolhadas, e grinaldas de penas vinham por vezes cair aos pés da grande artista que, com o sorriso nos labios e a gratidão n'alma, agradecia ao publico o triunfo que lhe fôra preparado.

Prova de apreço não equivocó receberam tambem em qualquer dessas noites os Srs. Ritter e Sarasate, que aqueciamos nos desejos de Carlota Patti a coadjuvaram na obra de caridade do que os infelizes jámás se esquecerão.

\* \*

Outra festa de não menor importâcia e pela qual também o nosso publico almeja é a representação prometida por Pedro Ferranti, o que, segundo parece, está marcada para a noite do 12.

Eu não acrescentarei mais uma sylla sequer ao que já disse acerca do merito do sympathetic artista.

O programma assim sedutor, e as inumeras sympathias de que goza o beneficiado são garantia sólida ao pagamento d'essa dívida que o publico costuma sempre contrahir com os verdadeiros artistas da sua predilecção.

E ao pagamento d'essa dívida duplo direito tem hoje Ferranti, que, para escutar a voz do coração e dar maior realce a um espectáculo cujo producto reverteria a favor dos infelizes, não hesitou em tomar parte no concerto realizado pela sociedade de « Beneficencia Italiana » sacrificando assim no altar da caridade a justa e euriosa influência que sua estrá inspirava.

Adicionando esta actio generosa ao valor intrínseco do cantor e à variedade de um programma, onde avultam peças de concerto e trechos de opera circundados dos accessórios scénicos, que tanto realce dão aos espectáculos líricos não morço por certo os fôrmas do *cartomante* vaticinando al signor Ferranti mais umad'essas noites festivas a que, desde 1854, elle está habituado entre nós.

\* \*

Apóz os concertos—Patti e o beneficio de Ferranti seguir-se-hão os soirées musicais que o Sr. José Heino e sua esposa tencionam submeter á apreciação do nosso publico.

O Sr. Heino é um raboquista cego. Sem jámás poder admirar as obras do creador, recobrou, em troca da vista que o destino lhe negou, um ouvido finissimo e as mais felizes disposições para a musica. Aproveitando-as, chegou a escutar no violino as obras mais inspiradas dos semiodeses d'esse instrumento, e distinguindo-se sobretudo por certa melancolia que imprime nos cantos, e um arrojo d'excção, que alguns jornais classificam de prodigiosa, ocupa actualmente entre os concertistas da epocha um lugar conquistado pela soberania do seu talento.

Mme. Heino dedicou-se ao piano desde tenra infânciia, mostrando desde logo uma vocação decidida por aquello instrumento.

Como pianista, confirjo-lho o bello sexo ingles o diploma de—primeira entre as primeiras.



É o 16 de fevereiro passado: O Presidente Turner resolveu não mandar a esquadra argentina contra as forças de López Jordan. Isto fez com que Turner recela e que acomodou desenhado visto que as forças de Jordan se compõem quasi todas de cavalaria; e verdade que arroca das tralhas do Riachuelo já os novos virinhos distoravam "A esquadra argentina com o concurso de alguns buques brasileiros, ganhou a batalha do Riachuelo!" A esquadra argentina confundida se encheu de um vapor..."



O General em chefe hoje das forças argentinas contra López Jordan, retorna com o seu estado-maior, lo um brouço... l'apressadamente o Caminho de Bucero. Agora é verdade que já em 1866 os jornais argentinos diziam "O exército argelino, sob o comando do valente Mello, ajudado por algumas amigas bresileiras, ha obtendo uma explendida vitória!"

"Viu o Cesar e que o de Cesar, Son os resenhos."



A.

Actual Attitude of France, Prussia and Spain.  
(Debated by England, Italy and Austria, to prevent  
them from conquering the last.)

A qualquer dos dous concertistas concedo a imprensa inglesa elogios que, despidos de phrases bombásticas, tem o cunho da sinceridade. E, digam lá o que disserem, em questões da consciência jornalística pareço-me que a velha Albion ainda pôde dar lições aos outros países.

A. DE A.

### O riso e o sorriso.

O riso e o sorriso são dois irmãos rivais; um é louro, o outro moreno, e ambos aborrecem-se o invejam-se; e conquanto tenham a mesma origem, em nada se parecem, nem podem viver juntos.

A boca tem duas linguas; a díaplavira e a do gesto; a primeira habitualmente mesturada, e a segunda essencialmente verdadeira, se bem que muda, ou quasi muda.

Esse gesto é o riso ou o sorriso. A boca tem a propriedade de rir ou de sorri, exactamente como um rio pode crear juntamente países dourados muito preciosos, rios e cidades horríveis. O sorriso é o petróxio dourado da boca, o riso—a rá ou a cobra.

O sorriso exprime sempre idéas ou sentimentos; o riso instintos ou appetites.

No maior numero de casos o sorriso pertence ao ci, o riso, em todo caso, é do domínio do inferno.

O sorriso é sempre aristocrático, quer corresponda a sentimentos generosos, quer a paixões odiosas; o riso é radicalmente plebeu. Quando a parte nobre do nosso ser quer manifestar-se, a boca sorri; quando aparece a parte nuligna ou vulgar a boca ri.

Todo o riso é burlesco, ou, mais ou menos violento, e por tanto aggressivo; quando eleva-se à categoria do gorgulhado, é deshumano e feroz.

O bem proprio e o alheio fazem do algum modo sorrir; o mal alheio faz rir os egoistas ou os que têm coração malevol; assim como o mal proprio faz enraivecer, chorar ou renegar-se.

Os labios que sorriem, se são do erianga imitam um botão de flor que se entreabre, se são de mulher retratam a flor aberta que exhala o seu perfume e provoca, se são de ancião imitam uma follia ou flor secca que, pegando-se nella, esfaralha-se e desfa-se.

Todo o sorriso, vigorosamente expressivo, obriga a olhar para cima ou para baixo. Para um homem que ama profundamente, depois do admirar o sorriso ternos da mulher amada, só lhe resta contemplar o céu. Para o que teme—só lhe cabe olhar para o chão, quando a pessoa com quem faltá lhe mostra um sorriso de odio.

Um sorriso oportunamente expressivo vale, em certas ocasiões, mais do que muitos discursos, e decide da vontade de um animo vacilante.

Nada requer mais distinção e graça do que o sorriso; nada exige menos talento do que o riso.

Em regra geral quando uma mulher sorri é porque o seu coração está possuído de alguma *especie* de amor; assim como, em geral, quando um homem sorri, é porque alguma idéa, algum interesse, ou alguma rivalidade o preocupa.

O sorriso é quasi sempre a correspondência, ou do certo modo a reação que produz um olhar. A mais bella harmonia é a que produz um olhar doce e amante e um doce e amante sorriso.

Dois bocas que se beijam são dous dois sorrisos do amor que se confundem; assim como dois sorrisos amáveis que se saudam, são duas bocas que se boijam de longe.

Pelo contrario, dois risos que se juntam ou se cruzam formando um *dueto*, são dois risos exaudiosos de malignidade que se aliam, ou dous odios que se mascaram, mas para rugir depois.

Um sorriso do amor dispensado por uma mulher formosa e amada é um pedacinho do céu daq por conta da gloria eterna.

Está suficientemente demonstrado que os sorrisos que se trocam ás furtadelas são os mais doces e significativos.

Todo o corpo humano, sendo tão enorme em proporção á boca, não pôde expressar (excluídos os olhos) a centésima parte da qua expressam estes dois pedacinhos de carne aristocratica quo se chama labios.

(Continua.)

L. DE B.

### PHILOMELA

(Continuação)

— Sabe quo a sua refinada brusea desta casa, foi comentada? perguntou ella.

— Não sabia; mas desconfiava.

— Porque?

— Porque conheço o quo são as reuniões, como. Aqui tudo é comentado; pessoas, actos, factos, etc.

— Mas ignora quo o comentário que fizera foi-me desfavorável; não?

— A V. Ex.??

Acusaram-me de ser-a causa da sua ausencia o...

— E em quo lhes posa isso? perguntou o mancebo com altivez.

— A elles creio quo em nada, mas a mim; em muito. E' um comprometimento, quo desejo vör satisfeito.

— Como, minha senhora?!

— Ambos nos enganâmos, senhor Arthur. V. S. julgou vör em meu procedimento para consigo os simptomas da uma inclinação quo não havia; eu acredito quo os

seus comprimentos não passavam dessas finas vulgaridades, que se esquecem, apenas ditas.

— Peço-lhe perdões, se a ofendi, consagrando-lhe um sentimento mais verdadeiro e mais extremoso, confesso-o, do que esse que dita as trivialidades, que a oculta das salas manda dirigir às senhoras; creia, porém, que não a ofendi mais...

— Não use dessa linguagem, ou lho peço; murmurou a moça com gesto supplicante. Não ha offensa de sua parte; houve apenas pouca reflexão da minha.

— Pouca reflexão da parte de V. Ex. ?? Mas em que?

— Basta, Sr. Arthur; disse a moça fazendo uma esforço sobre si. Quer esquecer-se de mim?

— E' um castigo cruel, minha senhora.

— Não é castigo, é uma supplicia.

Arthur fitava admirado a moça, em cujos olhos as lágrimas borbulhavam, a despeito dos esforços que ella fazia, por se conservar calma.

O mancebo sentia-se commovido ante aquela fraca-queza, que desmentia com emoções e com lagrimas as palavras que proferia.

Além disso elle já havia sentido pronunciada inclinação pela viúva, e posto que com a imaginação cheia da imagem de Martha, todavia o que ultimamente com esta se havia passado, transformaria-lhe por fôrma tal o pensamento e foraria-lhe tão profundamente o orgulho, que aquela aféição pura, que tralho o cíliao da Carlota, ia-lho direita á alma como um balsamo consolador.

— Para que se afflige e tortura assim, procurando iludir-me e a si própria? perguntou o mancebo, depois de certo silencio, e, com ar melancólico, o tomado ambas as mãos da moça:

— Creia... que... , ia dizendo Carlota com vehemcia.

— Oh! não prosiga, interrompeu o mancebo. Fale-me antes com toda a franqueza. Houve alguém que suppos existir entre nós outras relações, além das da cortezia e polidez, e esse alguém, que naturalmente é alguém sou preendentemente infeliz...

— Senhor!...

— Perdoai-me; nada existe de offensivo no que lhe estou dizendo. V. Ex. tem um coração bom do mais, para poder conhecer o que vai em derredor do si. Entretanto, esmagada por uma dor ainda viva, V. Ex. appareceu de novo nas sociabilidades; aerolita que essa multidão de mancebos que se atropellavam em derredor do si, para obterem um simples olhar, pensavam na anarquia que reçumava do seu rosto? Admiravam respeitosos a dor santa que a pungia? Não o creio. A maior parte via em V. Ex. apenas uma viúva bella, moça, em que a beleza assentava perfeitamente, e sobretudo rica.

Quem muito é, que elles só disputando o favor de uma palavra, de um olhar, de um simples aceno de cabeça; vissom com maus olhos, aproximarem-se de V. Ex.; e fizessem de meu nome o thema sobre o qual variariam em descredito seu? Creia, porém, que em mim encontrará unicamente, de ora avante, um servo respostoso. V. Ex. permitiu, que me dirigia ao salão, a nossa ausencia pôde tornar-se sensivel.

Dizendo isto o mancebo afastou-se, sem esperar resposta alguma da moça.

Esta apenas o viu afastar-se, levou o lenço aos olhos, e murmurou quasi a soluçar.

— Meu Deus! este amor é pôr um castigo?!

Por demais preocupados com a conversação, os dois jovens não haviam dado fôr, de uma pessoa, que presenciava, esculpia por uma das portas, que abriam sobre o terraço, toda a scena que entre elles se passou.

Era a filha de F\*\*\*.

Ella viu-a da sala de jantar poucos momentos depois de Arthur e Carlota, e encaminhára-se igualmente para o terraço, mas ao chegar a porta, deteve-se, e vendo ambos empenhados em animada conversação prestou atenção, atraída por algumas palavras que lhe feriram os ouvidos.

Quando, porém, o mancebo deixou Carlota, dirigindo-se para a sala, a moça afastou-se rapidamente e encaminhou-se para o *toilette*.

Pouco tempo depois achavam-se todos no salão, onde não se tardou em organizar uma quadrilha.

## XVII.

Dava uma hora da noite quando Arthur e Alvaro sahiram da casa de F\*\*\*.

— Vais dormir em tua casa? perguntou Alvaro.

— Vou. Vem comigo; amanhã irei jantar comigo.

— Seja; estou vendo, porém, que sororosos forçados a ir a pé até as Laranjeiras.

Pouca importa isso. A distancia não é tão grande, que possamos recular cançar em meio caminho.

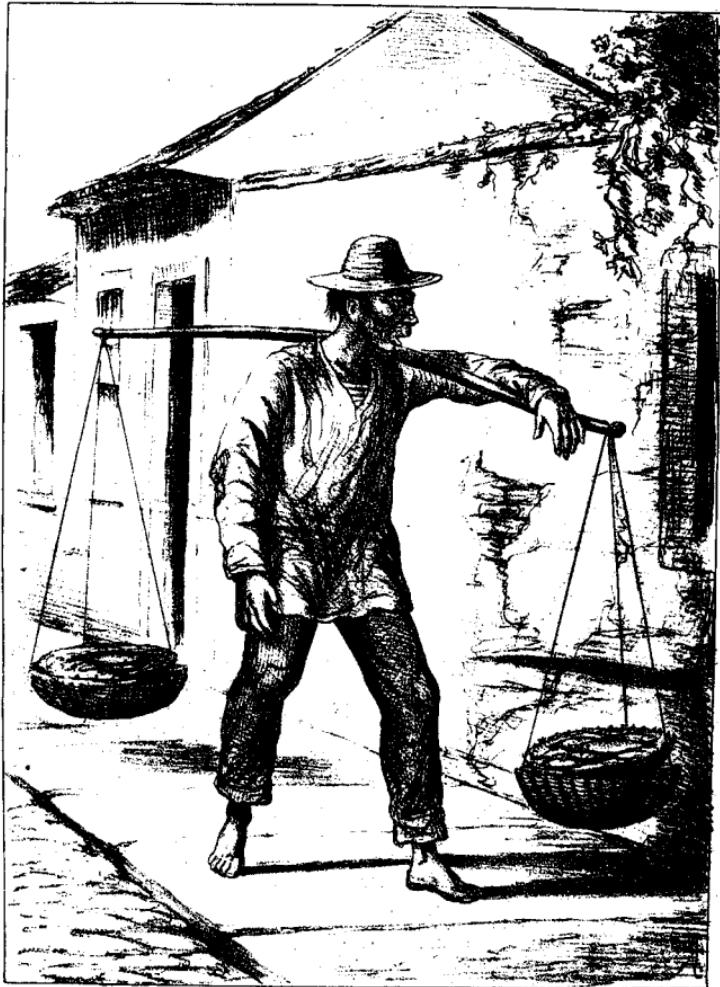
Os dois mancebos dirigiram-se um a par do outro e a passos evadidos para a casa de Arthur.

Caminharam por muito tempo em profundo silêncio, entregues ambos aos pensamentos, que lhes sugeriam as impressões daquella noite.

Os charutos, que haviam tido o cuidado de accender antes de sahir, consumiam-se lentamente, decompondo-se em uma fumaça leve, que se desfazia no ar, e em cinza branca que era do instanto em instante sacudida para o chão.

*(Continua).*

Tipos das ruas do Rio-de-Janeiro.



— Salinha e cârnalo —